



A NÃO MATERNIDADE: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A MULHER CONTEMPORÂNEA

No maternity: possible paths for the contemporary woman

Alyne Manfron Serpa^a, Fernanda Camilo de Oliveira^b, Danuta Medeiros^c

^a Psicóloga, Pós-graduanda em Psicologia Organizacional e Gestão de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); ^b Psicóloga pela Universidade São Judas Tadeu, ^c Psicóloga, Doutora e Mestre em Ciências/Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Especialista em Psicologia Hospitalar e em Psicoterapia Psicanalítica. Professora Doutora do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Extrema – MG.

RESUMO

Introdução: O papel destinado à mulher no passado não é mais compatível com o modo de vida atual e com a função materna, colocada em debate em diversos estudos científicos. Observa-se que para a mulher contemporânea surgem novos caminhos para além da maternidade, antes imposta como destino inevitável e único. **Objetivo:** O presente trabalho buscou investigar e descrever a representação social de homens e mulheres acerca de mulheres que optaram por não exercer a maternidade, analisando as semelhanças e divergências entre os discursos, e debatendo sobre a construção da representação social da maternidade como um instinto inato a todas as mulheres. **Materiais e métodos:** O estudo contou com 96 participantes, através de uma amostra autogerada, sendo eles 48 mulheres e 48 homens, com idades acima de 18 anos. A coleta de dados ocorreu através de um formulário virtual, utilizando-se de um Questionário para caracterização da amostra e uma Questão-caso, seguida de duas perguntas abertas relacionadas ao tema. Os dados foram analisados a partir do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e discutidos à luz da teoria psicanalítica. **Resultados e discussão:** Os discursos se mostraram semelhantes, entre o grupo de homens e o grupo de mulheres, apontando a maternidade como uma escolha da mulher e o desejo feminino como um guia para a mulher contemporânea, onde o trabalho, vida social, relacionamentos devem ser ponderados, além da vontade de ser mãe. **Considerações Finais:** Deve-se considerar a possibilidade de outros caminhos em que o desejo feminino possa ser trilhado de forma mais fluída, sem estigmas em relação àquelas que escolhem não optar pela maternidade.

Palavras-chave: Feminilidade. Maternidade. Representação Social. Psicanálise.

ABSTRACT

Introduction: The role historically assigned to women is no longer compatible with current lifestyles and the maternal function, which has been debated in various scientific studies. It is observed that for contemporary women, new paths emerge beyond motherhood, which was previously imposed as an inevitable and unique destiny. **Objective:** The present study aimed to investigate and describe the social representation of men and women regarding women who have chosen not to have children, analyzing similarities and differences between their discourses and discussing the construction of the social representation of motherhood as an innate instinct for all women. **Materials and Methods:** The study included 96 participants, through a self-generated sample, consisting of 48 women and 48 men, aged over 18 years. Data collection occurred through a virtual form, using a questionnaire to characterize the sample and a case question, followed by two open-ended questions related to the topic. Data were analyzed based on the Discourse of the Collective Subject (DSC) and discussed in light of psychoanalytic theory. **Results and discussion:** The discourses were similar between the group of men and the group of women, pointing out that motherhood is a woman's choice and feminine desire as a guide for contemporary women, where work, social life, and relationships should be weighed, along with the desire to be a mother. **Final considerations:** The possibility of other paths where feminine desire can be pursued more fluidly, without stigmas regarding those who choose not to have children, should be considered.

Key words: Femininity. Motherhood. Social Representation. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Para a mulher contemporânea surge-se novos caminhos para além da maternidade, que antes era imposta como destino inevitável e único. Segundo os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) [1], houve um crescimento do número de mulheres casadas que optaram por não terem filhos, em 2000 a porcentagem era de 7% enquanto em 2010 foi para 23,8%. A última atualização do censo foi há mais de uma década atrás e ainda assim, podemos considerar mudanças no cenário e nos papéis que a mulher ocupa na sociedade. De acordo com Leal e Zanello (2022) [2] a opção pela não maternidade tem crescido nas últimas décadas no Brasil, estimando-se que 37% das mulheres em idade fértil não desejam ter filhos.

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

O papel que foi destinado à mulher no passado não é mais compatível com o modo de vida atual e principalmente a função materna, que é colocada em debate por Badinter (1985) [3], questionando se o instinto materno é algo da natureza humana ou se é construído a partir da época da sociedade em qual vivemos. A autora questiona o papel da mulher como função de educadora, finalizando esta função quando o filho entrar na idade adulta (Badinter, 1985) [3]. Ainda segundo Badinter (1985) [3], mesmo com a revolução feminista proposta por Simone de Beauvoir, no século passado, a maternidade como destino feminino ainda é vista como algo natural, ou seja, muda-se o vocabulário, mas as ideias permeiam o imaginário das pessoas. Vazquez (2014) [4] explica que

A construção do sentimento materno, apresentado pelo senso comum e por alguns especialistas nas áreas médicas e religiosa, como algo pertencente a todas as mulheres foi questionado ao longo do século XX pelas próprias mulheres, a partir do movimento feminista. Todavia, a representação social da mulher-mãe como “padrão de Mulher” ainda se manteve fortemente enraizada no imaginário social (p. 167-168).

Segundo Badinter (1985) [3]

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam (p. 23).

Sobre a ambivalência de sentimentos em relação a maternidade, Kehl (2008) [5] corrobora com a ideia de que a maternidade pode ter ambos os sentimentos, ódio ou amor, pois a partir do nascimento do filho, a mulher pode se ver frente à frustração de não contemplar o sentimento profundo de amor materno. Segundo a autora, o ódio materno é sentido diante da exigência imposta sobre as

mulheres para amar suas crias acima de tudo e esses sentimentos ambíguos são experimentados diante da frustração do amor ideal (Kehl, 2008) [5].

Diante da narrativa sobre a maternidade e partindo para o diálogo sobre o desejo ou não desejo pela mesma, Laplanche & Pontalis (2016) [6], definem o desejo, a partir da visão freudiana, como um processo mnêmico ligado às primeiras memórias infantis da criança, ou seja, o desejo não está ligado diretamente a satisfação de uma necessidade, como por exemplo a alimentação, mas sim das nossas memórias mais primitivas. E complementam afirmando que o desejo está ligado a reprodução alucinatória das percepções de satisfação dessas memórias arcaicas, ou seja, em outras palavras podemos inferir que o nosso desejo está diretamente ligado aos nossos primeiros contatos com a pessoa que executa a função materna.

Nesta direção, sobre o desejo feminino, Kehl (2008) [5], considera que, tal desejo, foi moldado para ser designado à família e conter a virilidade dos parceiros, pois dessa forma, não há como ele se sobrepor ao desejo e ideias masculinas. Conforme explicado pela autora, durante o Iluminismo, a razão deveria predominar os instintos humanos, sendo assim, o desejo e fertilidade feminina. Entretanto, Kehl (2008) [5] propõe a reflexão de que o papel da mulher e o casamento, ambos fundados no ideal de amor romântico, foram idealizados por muitas mulheres durante muito tempo, visto que, não havia outras possibilidades a serem seguidas. Ou seja, como é possível a circulação do desejo feminino, seja ele qual for, se não há caminhos para tal?

Segundo Iaconelli (2013) [7] sempre houve vigilância sobre os corpos das mulheres para que assim controlassem a reprodução e foi desta forma, que a mulher foi inserida na sociedade, ou seja, para pertencer a um grupo, sua fertilidade era de suma importância. Todavia, ao retomar a ideia sobre vigilância de corpos, Iaconelli (2013) [7] também aponta que ao desmistificar o papel de que a mulher tem um saber inato, pode ocorrer a ideia de que ela não é uma boa mãe, sendo necessário de um saber médico para auxiliá-la a cuidar da criança, criando um estigma de uma mãe insuficiente. Além do papel de controlar a reprodução, Badinter (1985) [3] explica que a mulher vive entre duas relações: a

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

mãe-filho e esposa-marido, ou seja, seu papel sempre estará vinculado e triangulado diante dessas pessoas e “segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe” (p. 25).

Partindo da perspectiva que o amor materno é uma construção social, Badinter (1985) [3] retoma historicamente como no século XVIII, as mães não se permitiam criar vínculos com o bebê devido à baixa expectativa de vida dos recém-nascidos, onde a estimativa de vida era no máximo de um ano. A autora complementa que “valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois” (p. 84). Ao analisar por essa ótica, refuta a ideia de maternidade inata enraizada socialmente ao longo dos anos.

Iaconelli (2013) [7] explica que a maternidade é vista por um viés de normalidade e para aquelas mulheres que não correspondem a esse padrão, faz-se necessário uma intervenção médica ou psicológica, patologizando aquelas que não optam por trilhar o caminho materno tal qual é exigido pela sociedade. Mansur (2003) [8] complementa afirmando que as “mulheres sem filhos são frequentemente estigmatizadas, e a manutenção dos preconceitos geralmente provoca sentimentos de exclusão e anormalidade” (p.3).

Para Iaconelli (2013) [7] a ideia de um suposto “saber natural” do zelar, cuidar e amamentar o bebê é colocada em dúvida, deixando claro que a função materna pode ser exercida por qualquer pessoa ou até mesmo, com a ajuda de terceiros, sem que esta perca seu lugar de mãe. E aponta que a mulher tem um papel insubstituível na criação dos filhos devido a sua condição biológica, entretanto, essa condição foi passada de geração para geração, criando um suposto saber onde só a mulher teria condições de criar uma criança, desta forma, constituindo um papel exclusivo designado a ela. Iaconelli (2013) [7] discute o lugar da mulher contemporânea na transmissão oral de conhecimentos para as gerações e aponta ainda que, devido a urbanização, a mulher não tem mais tempo para se dedicar em transmitir esses conhecimentos, dessa forma, coloca-se em discussão a questão de instinto materno, corroborando que é possível que outras pessoas executem o papel da função materna.

Braga, Miranda & Veríssimo (2018) [9] apontam que no momento que Freud se propôs a discutir sobre feminilidade, rompeu-se um paradigma no meio científico da época, pois por meio da sua experiência clínica, pode-se ter um novo olhar sobre o que é ser mulher e sobre a feminilidade. Segundo Freud (2006/1925) [10] existem diferenças entre o sexo biológico e as questões psíquicas propostas pelo Complexo de Édipo¹. “Freud demonstrou, particularmente no caso da sexualidade feminina, como desejo de receber o falo do pai se transforma em desejo de ter um filho dele” (Laplanche; Pontalis, 2016, p.168) [6]. Assim, Freud (1925/2006) [10] coloca em discussão que há três fins para menina quando a mesma descobre que não possui o falo, sendo eles: a) interrupção da sua vida sexual; b) supervalorização do seu lado masculino (que levaria a homossexualidade); c) os primeiros passos para a descoberta da feminilidade de forma saudável. Assim, para o autor, os sentimentos ambivalentes que a menina possui para com a mãe, pois atribui a culpa materna a falta do falo, ou seja, o órgão masculino, que não lhe foi dado, ou seja, a fonte de frustração da menina inicialmente, é a mãe (Freud, 1925/2006) [10] Para Laplanche & Pontalis (2016) [6], a menina terá que lidar com essa falta até a vida adulta, onde será cessada quando tiver um filho, pois essa falta representa simbolicamente o incesto com o pai e Complexo de Édipo é justamente aquele que realiza a interdição dessa vontade.

Para Freud (1931/2006) [11], ao perceber a castração ao longo da vida, a menina aceita a posição aquém do menino e passa a atribuir sentimentos hostis em relação à mãe, pois foi ela quem a concebeu desta maneira - sem o falo. E, ao aceitar essa frustração, a criança abre caminho para a feminilidade, sempre ligada a uma falta do órgão masculino e a mãe como a culpada das frustrações da menina. De acordo com Mansur (2003) [8]

A inveja do pênis, base da interpretação freudiana da personalidade feminina, conforme sua sublimação ou não através da maternidade, faria com que a mulher fosse sadia ou

¹ Laplanche & Pontalis (2016) [6] explicam que o Complexo de Édipo é o “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (p.77). Os autores abordam também que esse momento é vivido pela criança entre os três e cinco anos e representa a escolha de objeto de amor, ou seja, representação da orientação sexual.

doente. Como consequência, todas as que demonstrassem independência e atividade, preferindo trabalhar - ou criar - a procriar, seriam imaturas, regredidas, incompletas e anormais (p.3).

Cintra & Ribeiro (2018) [12] apresentam uma concepção diferente de feminilidade sob a ótica kleiniana. As autoras postulam que Klein identificou a “posição feminina”, onde a criança, seja menino ou menina, tem atributos femininos, pois a mãe é o primeiro objeto internalizado, devido ao toque, a alimentação e cuidado que a função materna propõe. Entretanto, discorrem sobre a presença do pai dentro do objeto materno, ou seja, o falo, em que há uma diferenciação entre mãe-bebê e figuras parentais proposta na posição depressiva. Sobre a posição depressiva, Cintra & Figueiredo (2010) [13] explicam tratar-se de um processo de transformação e de reconhecimento do outro, onde o superego, ou seja, a consciência moral, consegue atribuir aspectos hostis e aspectos amorosos, de forma que “[...] envolve o reconhecimento do outro, com seus direitos e aspirações, e que permite a entrada nos regulamentos e nas leis impostos por uma comunidade social” (p. 78). Nesse sentido, há a diferenciação do outro a partir da função materna e internalizando esse objeto bom (aquele que exerce o cuidado).

Pensando sobre a maternidade, a feminilidade e como foi construído o papel social da mulher contemporânea, considerando esse recorte temporal, este trabalho é uma pequena amostra de pessoas com o intuito de promover reflexões sobre os novos caminhos que a não maternidade propõe e conforme dito por Kehl (2008) [5] “Se a produção psicanalítica contemporânea não puder acompanhar estes deslocamentos, a psicanálise deixará de fazer sentido. A psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição” (p. 258).

OBJETIVOS

O objetivo geral desta produção científica foi investigar e descrever a representação social de homens e mulheres acerca de mulheres que optaram

por não exercer a maternidade. Especificamente, buscou-se discutir e comparar as semelhanças e divergências entre os discursos de homens e mulheres em relação a opção das mulheres pela “não maternidade”, e discutir sobre a construção da representação social da maternidade como um instinto inato a todas as mulheres.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para atender aos objetivos propostos pelo estudo, utilizou-se o método descrito por Lefèvre & Lefèvre (2010) [14] como ‘pesquisa qualiquantitativa’. De acordo os autores, na pesquisa qualiquantitativa “[...] é possível agregar o que a pesquisa qualitativa tem de positivo às virtudes da pesquisa quantitativa” (p. 13). Por se tratar na e uma pesquisa que visa captar as representações sociais, ou seja, o que pensa um grupo de sujeitos acerca de determinado tema, os autores afirmam que a opinião coletiva é composta simultaneamente por uma dimensão qualitativa e outra quantitativa, não sendo distintas, e sim partes do mesmo fenômeno. É necessário, por este motivo, adotar uma perspectiva dialética e admitir que uma coisa pode ser algo e seu contrário ao mesmo tempo (Lefèvre & Lefèvre, 2010) [14].

Ainda Lefèvre & Lefèvre (2010) [14] explicam que é necessário descrever o comportamento da variável, a partir de uma questão aberta, onde o participante terá a oportunidade de manifestar sua opinião. Para posteriormente ser possível quantificá-la, considerando que tal pesquisa pode gerar opiniões coletivas. Segundo Jodelet (1989) citada por (Lefèvre, 2017) [15] “[...] A representação social na qualidade de conhecimento do senso comum está sempre presente numa opinião, num julgamento, numa avaliação, num posicionamento, manifestação ou postura de um indivíduo comum” (p.15).

Dito isso, optou-se pela realização de um levantamento de campo, de corte transversal, por meio de uma pesquisa qualiquantitativa. A amostra do estudo foi composta de 96 participantes, com idade acima de 18 anos, sendo eles 48 mulheres e 48 homens, através da coleta de dados autogerada.

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

Utilizou-se para a coleta de dados um questionário de caracterização da amostra, elaborado pelas pesquisadoras, com o objetivo de obter dados do participante, tais como idade, gênero, estado civil, escolaridade, entre outras, totalizando nove questões; e a apresentação de uma Questão-Caso narrando uma situação específica referente ao tema não maternidade, sendo esta: “Cecília é uma mulher que, apesar de não ter impeditivos, decidiu-se por não tornar-se mãe ao longo de sua vida”, seguida por duas perguntas abertas: “1 - Quais motivos você acha que levam as mulheres a optarem por não terem filhos?” e “2 - O que você acha a respeito de mulheres que optam por não terem filhos?”, para posterior análise do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC. Optou-se por utilizar a Questão-caso com o intuito de obter respostas mais autênticas, considerando a natureza do tema, como cita Lefèvre (2017) [15]; e também considerando a proposta do estudo de Medeiros (2015) [16], sendo possível identificar o grau de compartilhamento das opiniões sobre a não maternidade, além de estabelecer relações entre elas, favorecendo discussões mais integradas (Artiga, Lefevre, Medeiros, 2023) [17].

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma metodologia de pesquisa que vem sendo desenvolvida na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, por Lefèvre & Lefèvre (2010) [14], em pesquisas de opinião ou representações sociais. De acordo com Lefèvre (2017) [15]

O DSC é uma forma (dentre várias possíveis) de resgatar e apresentar as Representações Sociais obtidas de pesquisas empíricas, em que as opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais, como normalmente se faz quando se trata de perguntas ou questões abertas. O diferencial da metodologia do DSC é que, a cada categoria, estão associados os conteúdos das opiniões individuais que apresentam sentidos semelhantes, de modo a formar, com tais conteúdos, um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (p.16).

Segundo Medeiros (2015) [16] a técnica do DSC coleta opiniões coletivas por meio de perguntas abertas, onde o comportamento do discurso, assim como questões internalizadas se sobressaem. Para esse trabalho, foi pressuposto que

há opiniões coletivas sobre a não maternidade, sendo possível com esse método analisar a representação social diante do tema.

A categorização ocorre, de acordo com Lefèvre & Lefèvre (2010) [14], a partir das figuras metodológicas: expressões-chave (ECH), ideias centrais (IC), ancoragens (AC) e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Em relação às figuras metodológicas, os autores descrevem que as expressões-chave (ECH) são as primeiras partes de crivo de análise, onde são selecionados trechos dos depoimentos que apresentam a essência do pensamento. Já as ideias centrais (IC) são as categorias criadas a partir dos trechos das expressões-chave (ECH), que descrevem o sentido de cada trecho de forma mais sucinta possível. Os autores descrevem que “as IC são o que o entrevistado quis dizer (ou o quê, sobre o quê) e as ECH como isso foi dito” (p. 78). Embora não necessariamente presentes, as ancoragens (AC) são as ideias genéricas a partir dos discursos individuais ou agrupados sobre o tema (Medeiros, 2015) [16]. No presente trabalho optou-se por não analisar a presença ou não de ancoragens.

Como produto final, tem-se o Discurso do Sujeito Coletivo, construído para cada uma das ideias centrais, ou categorias, identificadas pelos pesquisadores. O DSC trata-se de um discurso-síntese escrito em primeira pessoa do singular, que consiste na reunião das Expressões-Chave, presentes nos depoimentos, que têm Ideias Centrais e/ou Ancoragens de sentidos semelhantes ou complementares (Lefèvre & Lefèvre, 2010) [14].

A pesquisa buscou atender as diretrizes e normas do Conselho Nacional de Saúde, respeitando os preceitos da Resolução 466 de 2012 que trata da pesquisa com seres humanos, garantindo-se o sigilo das informações e anonimato dos participantes (Ministério da Saúde/Brasil, 2012). Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 33474720.2.0000.0089, parecer número 4.093.300), a coleta foi feita de forma on-line e os participantes foram convidados por meio de redes sociais através de um post de divulgação com informações sobre a pesquisa. Os participantes deram o aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação no estudo e em seguida responderam às perguntas do Questionário

de caracterização da amostra. Posterior a isso foi apresentado a Questão-caso e as perguntas abertas foram respondidas.

As respostas obtidas a partir do questionário de caracterização da amostra no presente estudo estão apresentadas com frequência e porcentagem. Os dados obtidos pelas perguntas feitas a partir da Questão-caso estão apresentados conforme as categorias e discursos analisados pela metodologia da proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefèvre e Lefèvre (2010) [14], e posteriormente articulados à luz da teoria psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, serão apresentados os resultados obtidos através do questionário de caracterização da amostra, seguido pelos dados quali-quantitativos provenientes da elaboração dos Discursos do Sujeito Coletivo a partir das respostas sobre a Questão-caso.

Consentiram sua participação no estudo 245 indivíduos, durante as 24 horas nas quais o formulário da pesquisa ficou disponível para respostas, entretanto considerando-se apenas os primeiros 48 participantes de cada gênero, a amostra final do presente trabalho totaliza 96 pessoas. Sendo do gênero feminino 50% (n=48) e masculino 50% (n=48), com idades entre 18 e 55 anos. Aqui buscou-se incluir ambos os gêneros a fim de comparar as representações sociais de cada um deles.

Mais da metade da amostra (66,67%; n=64) foi composta de sujeitos que se declararam brancos e 15,63% (n=15) se declararam pretos. Quanto ao estado civil 52% (n=50) eram solteiros e 34% (n=33) estavam namorando. Sobre o tema filhos, a maioria dos participantes afirmaram não terem filhos (91,67%; n=88), o que certamente pode ter influenciado na construção dos discursos sobre tal temática.

Em relação ao grau de escolaridade dos participantes que compõem a amostra, mais da metade possui Ensino Superior cursando (52,08%; n=50), seguido de 29,17% de pessoas com Ensino Superior completo. Desta forma, justificado

pelos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) [1] que afirma que “[...] o nível de instrução da população aumentou: na população de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução, de 2000 para 2010, o percentual de pessoas com pelo menos o curso superior completo aumentou de 4,4% para 7,9%.” Mesmo havendo este aumento, a maior parte da população brasileira ainda não possui Ensino Superior, não sendo condizente com a realidade da amostra coletada neste estudo. Dessa forma, deve-se considerar a influência da escolaridade nos DSCs, sendo um recorte divergente da realidade de grande parte dos brasileiros, podendo inferir que o nível de conhecimento científico gerado pela educação pode ter influenciado nas respostas.

A seguir serão apresentados os dados quali-quantitativos obtidos por meio das duas perguntas a partir da Questão-caso, sendo os resultados quantitativos expostos sob a forma de tabela, e os dados qualitativos sob a forma de todos os Discursos do Sujeito Coletivo produzidos por cada categoria de respostas. Tal como foi determinado nos objetivos, a pergunta 1 buscou apreender as possíveis razões motivadoras para a escolha de mulheres não seguirem com a maternidade, segundo a percepção de homens e mulheres. A decisão de analisar os discursos de mulheres e homens de forma apartada foi tomada a partir da hipótese que os DSC seriam divergentes, de acordo com a condição social de cada um dos gêneros na sociedade. Entretanto, faz-se relevante destacar que não se incluiu no questionário de caracterização da amostra nenhuma pergunta referente à orientação sexual dos participantes, informação essa que também poderia trazer importantes diferenças nos discursos.

Tabela 1 - Categorias, frequência e porcentagem de respostas obtidas a partir da questão-caso 1: “Quais motivos você acha que levam as mulheres a optarem por não terem filhos?”

Categorias	Participantes (n)		%*	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
A Outros objetivos pessoais ou prioridades	29	31	60,42%	64,58%
B Estilo de vida	21	20	43,75%	41,67%
C Liberdade de escolha	21	18	43,75%	37,50%
D Aspectos emocionais	11	7	22,92%	14,58%
E Sociedade machista	8	8	16,67%	16,67%
F Mudança de paradigma	7	6	14,58%	12,50%
G Aspectos político-sociais	6	11	12,50%	22,92%
H Aspectos religiosos	1	1	2,08%	2,08%

*Um mesmo participante pode ter apresentado mais de uma ideia central e, portanto, a somatória dos valores percentuais não totaliza 100%.

Discursos do Sujeito Coletivo - Feminino:

DSC A – Outros objetivos pessoais ou prioridades:

“Porque há outros planos e conquistas além da maternidade, onde as mulheres priorizam a si mesmas e outros aspectos da vida. Possuem outros objetivos, como dedicar-se a vida acadêmica e profissional, viagens, relacionamentos, conquistas de valor aquisitivo e planos futuros que são incompatíveis ou se tornam mais fáceis quando não possuem filhos.”

DSC B – Estilo de vida:

“Porque há uma mudança na qualidade e no estilo de vida da mulher com filho, seja em relação a quantidade de tempo livre, sua liberdade e privações, bem como sua independência. Um filho hoje requer uma preocupação com planejamento financeiro absurdo, no qual cada vez as coisas estão mais caras. Então, para uma qualidade de vida boa para um filho, será necessário ter uma vida com estrutura financeira estável.”

DSC C – Liberdade de escolha:

“Porque hoje há maior liberdade individual para que as mulheres escolham sobre seu próprio corpo e para que esta seja uma opção pessoal, que não precisa de

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

uma explicação ou motivos para justificar a vontade de não querer ter filhos; por este motivo se sentem mais seguras para tomar essa decisão.”

DSC D – Aspectos emocionais:

“Porque há inseguranças pessoais e custos emocionais em relação à maternidade, como o vínculo eterno com a criança, falta de maturidade e a responsabilidade de gerar uma vida que é totalmente dependente dela; ou por terem medos, de não serem suficientes para exercer a maternidade ou não se sentirem preparadas ou suficientes para criação de seus filhos. Podem sofrer impactos psicológicos devido ao processo biológico da gestação e pode acontecer também traumas advindos de situações como abuso ou estupro.”

DSC E – Sociedade machista

“Devido à falta de uma rede de apoio que dê suporte para a mulher durante a criação desse filho, como parceiros que não assumem a paternidade. Isto devido à maneira que a sociedade trata a maternidade, colocando um peso social sobre as mulheres, onde são comumente responsabilizadas unicamente pela educação dos filhos. Há também o fato de a mulher precisar se dividir entre o trabalho, o cuidado com a casa e a criação dos filhos. Sendo assim, é sempre mais complicado para mulheres com filhos conseguirem as mesmas oportunidades que os homens.”

DSC F – Mudança de paradigma:

“Com o passar dos anos, as mulheres estão mais independentes e se preocupando consigo mesmas, elas entendem que maternidade não é sinônimo de felicidade e realização. Já passou da hora de a sociedade, como um todo, parar de vincular a mulher automaticamente a um papel materno e de romantizá-lo. A ideia da “mulher progenitora”, a obrigatoriedade e necessidade da maternidade para ter uma vida completa, realizada e feliz está cada vez mais distante.”

DSC G – Aspectos político-sociais:

“Devido a aspectos sociais, como a dificuldade e responsabilidade sobre querer ou não colocar uma vida neste mundo de constantes evoluções e mudanças, seja por questões de violência e injustiças, ambientais e/ou de sustentabilidade. Ultimamente fica difícil pensar em questões a longo prazo, além do fato da insegurança derivada dos impactos físicos de violências obstétricas, a falta de acesso à partos humanizados e por questões estéticas e corporais advindas da pressão midiática sobre os corpos das mulheres.”

DSC H – Aspectos religiosos:

“Não conhecimento da palavra de Deus.”

Discursos do Sujeito Coletivo - Masculino

DSC A – Outros objetivos pessoais ou prioridades:

“Por ter outros desejos, objetivos de vida e projetos que impossibilitam a criação de um filho. Como exemplo disso, a vida profissional e carreira, observada na dificuldade de inserção de algumas mulheres com filhos no mercado de trabalho. O mercado exige muito do profissional e ainda não está completamente adaptado para o período que a mãe precisa ter mais foco no filho e menos no trabalho. Também por focar e dar prioridade a outras áreas e demandas da vida, como vida acadêmica, viagens e planejamento do futuro, sem querer deixá-los de lado para criar um filho.”

DSC B – Estilo de vida

“Devido às dificuldades financeiras, despesas e gastos decorrentes da criação de um filho, o grande peso ao se fazer o planejamento familiar e se constatar que se torna financeiramente inviável. Também por não querer abrir mão da qualidade e estilo de vida do qual usufrui, sem abrir mão da independência e liberdade sobre seus próprios atos que é perdida a partir do momento em que você se torna responsável por outra pessoa. Pela demanda de tempo e disposição para criar um filho.”

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

DSC C – Liberdade de escolha

“Por opção própria e pelo seu direito de escolha, seja pela falta de interesse em gerar uma criança, por gostos pessoais ou por não sentir necessidade, desejo ou afinidade em ser mãe. Por ser uma escolha para a vida inteira que acarreta diversas mudanças na vida, a mulher pode escolher ser ou não ser mãe, independente do motivo.”

DSC D – Aspectos emocionais

“Por conta de um trauma que vivenciou, más referências ou algo que aconteceu com alguém conhecido. Pode ser por medo de se decepcionar e não ter apoio psicológico. Necessidades que podem gerar altos níveis de estresse, cansaço, irritabilidade, ansiedade e outros efeitos de caráter psicológico.”

DSC E – Sociedade machista

“Por vivermos em um mundo machista onde o peso e atividades da maternidade recaem somente sob mãe, pela falta de apoio do homem e as grandes responsabilidades que é ter um filho.”

DSC F – Mudança de paradigma

“Pela mudança de paradigmas e estereótipos que relacionavam as mulheres apenas ao lar e as obrigavam a ter filhos foram diminuídos muito significativamente e a dissociação da maternidade como projeto de felicidade. Hoje existe mais liberdade e menos imposição, o que deu às mulheres o direito de viver suas vidas de forma independente, sem a necessidade de formar uma família e não se verem como mães.”

DSC G – Aspectos político-sociais

“Devido às mudanças que acontecem no corpo da mulher. Pela situação atual do país, por não acreditar em um futuro bom para os filhos, em que as crianças não terão boas condições de encontrarem um mundo justo para elas.”

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

Pode ser também que mulheres muito engajadas, com ideologias político-sociais e com bastante consciência ambiental, levem em consideração o grande impacto da superpopulação no mundo e tomem decisões nesse sentido.

Pela falta de amparo do Estado perante à uma maternidade com qualidade, e também à falta de acesso universal básico para todos na educação, saúde, alimentação, comunicação, transporte, lazer e renda, necessários criar um filho. Não há qualquer suporte que dê segurança às mulheres.”

DSC H – Aspectos religiosos

“Devido a valores pessoais e religião.”

Em estudo publicado recentemente, Leal e Zanello (2022) [2] relatam vários fatores que parecem estar envolvidos na decisão pela não maternidade, tais como: mudanças no papel e no entendimento sobre ‘ser mulher’; características populacionais como aumento do nível de escolaridade, aumento nos ganhos financeiros da mulher e menor envolvimento com religião; carreira profissional; entre outros.

Como apresentado na Tabela 1, a categoria A com maior grau de compartilhamento, tanto entre as mulheres (60,42%; n=29) quanto entre os homens (64,52%; n=31), refere-se à “Outros objetivos pessoais ou prioridades”. A partir do que é expresso em ambos os DSCs nesta categoria, demonstra-se que as mulheres preferem dedicar-se a outros objetivos para além da maternidade, como a área acadêmica, profissional, outros planos, relacionamentos e conquistas. Frente a esse discurso obtido através das percepções de homens e mulheres perante a não maternidade, segundo os estudos de Patias e Buaes (2012) [18] é possível observar um deslocamento dos discursos onde se enaltece realizações profissionais e financeiras da mulher, em divergência das representações sociais que ligam maternidade à “abnegação e sacrifícios de uma vida em favor de outra pessoa” (p. 6), neste caso, de seus filhos. Sendo assim, pode significar um desejo da mulher por outros cenários sociais, com a constituição de vínculos mais fluidos, liberdade e outros caminhos.

Em consonância a isso, é possível fazer um paralelo com o discurso apresentado nesta categoria, ao considerar o que Freud (1917/2010) [19] apresentou em seus escritos sobre a teoria libidinal e as três feridas narcísicas do homem. Sendo elas: a Cosmológica, a Biológica e a terceira ferida, a Psicológica que considera que o ser humano poderia dominar suas pulsões, porém com o descobrimento do ID², ficou claro que não. Nesse sentido, pode-se considerar que, por mais que conscientemente a mulher queira o bebê, existem desejos além da maternidade, e muitas vezes, estes desejos não podem ser desconsiderados.

Ainda sobre a primeira pergunta, foi possível observar que o menor número de compartilhamentos, mencionado por apenas um participante de cada grupo, em ambas as amostras (2,08%; n=1), aconteceu na categoria H: “Aspectos religiosos”. Ficando evidente que devemos considerar a influência da religião no comportamento ainda nos dias de hoje, em consonância com o que afirma Ribeiro (2000) [20], ao descrever o cristianismo como alicerce da cultura ocidental, e a necessidade de não separarmos cultura e sociedade de religião. Dessa forma, fica claro como a religião pode ter influência no comportamento feminino.

Outras categorias, ainda com menor grau de compartilhamento, também merecem destaque, como a Categoria D: “Aspectos emocionais”, compartilhada 22,92% (n=11) entre o grupo feminino e 14,58% (n=7) entre o masculino. Esta categoria ilustra as inseguranças provenientes da maternidade, seus custos emocionais e impactos psicológicos. Para este DSC, podemos entender que há um custo em ser mãe e ainda que esta mulher seja mãe, ela não se resume a este título, há outras experiências em sua vida. Iaconelli (2013) [67] refuta a ideia desse saber natural da mãe, colocando em debate se existe um saber materno inato ou aprendido e ainda que, para além desta mãe, qualquer pessoa pode exercer a função materna.

Pensando em outros três discursos apresentados no estudo a partir desta pergunta: a categoria F: “Mudança de paradigma”, com 14,58% de compartilhamento entre as mulheres (n=7) e 12,5% entre os homens (n=6); a

² Instância psíquica que domina o consciente com os desejos.

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

categoria C: “Liberdade de escolha” com 43,75% entre as mulheres (n=21) e 37,5% entre os homens (n=18) e a categoria E: “Sociedade machista”, com o mesmo número de compartilhamentos em ambas as amostras (12,50%; n=6). Tais categorias se contrapõem, visto que enquanto o discurso das categorias F e C afirmam e defendem as mudanças e conquistas sociais que as mulheres vêm alcançando, o discurso E frisa sobre os obstáculos que a mulher ainda enfrenta na sociedade atual enquanto mãe.

A segunda pergunta da Questão-caso teve como objetivo a avaliação dos participantes a respeito da escolha da mulher pela não maternidade, e os resultados encontrados podem ser vistos na Tabela 2, conforme apresentado a seguir.

Tabela 2 - Categorias, frequência e porcentagem de respostas obtidas a partir da questão-caso 2: “O que você acha a respeito de mulheres que optam por não terem filhos?”

Categorias	Participantes (n)		%*	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
A Liberdade de escolha	38	46	79,17%	95,83%
B Não obrigatório	10	4	20,83%	8,33%
C Dom natural	1	1	2,08%	2,08%
D Escolha do casal	0	1	0,00%	2,08%

*Um mesmo participante pode ter apresentado mais de uma ideia central, e, portanto, a somatória dos valores percentuais não totaliza 100%.

Discursos do Sujeito Coletivo Feminino:

DSC A – Liberdade de escolha:

“Entendo essas mulheres, acredito que é uma opção e cabe a elas escolher sobre a sua vida e futuro, sendo uma escolha pessoal para cada uma. Sendo a maternidade uma escolha para que a criança não venha sofrer também, com uma mãe que não queira gerar o filho. Ao optar por não ter filhos, vejo que a mulher está respeitando e valorizando mais o seu próprio desejo de ser feliz como achar melhor, é uma escolha e direito de viver a maneira que escolheram, mesmo que isso ainda não seja respeitado como deveria na sociedade.”

A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea

DSC B – Não obrigatório:

“Acho que cada pessoa tem seus objetivos de vida e nem sempre é necessário ter um filho para que alguém se sinta realizado e completo. A maternidade é muito estigmatizada pelo conceito de que sua “vida começa ao se tornar mãe”. Acredito que se for uma forma das mesmas se sentirem felizes, acho totalmente compreensível.”

DSC C – Dom natural:

“Acho que elas deveriam seguir o dom natural da vida.”

Discursos do Sujeito Coletivo Masculino:

DSC A – Liberdade de escolha:

“Acredito que a decisão cabe a elas, e que não devo julgar se é certa ou errada. A vida é delas e não tem nada a ver comigo (homem) e respeito a decisão. Acho que é uma decisão normal. Estão exercendo o seu direito e deve ser respeitado.”

DSC B – Não obrigatório:

“O fato de ser mulher não quer dizer que você tem que ser mãe, acredito que seja uma tendência à medida que a sociedade evolui. São mulheres sensatas, e respeito a decisão delas, é totalmente compreensível e não é uma obrigação da mulher gerar filhos.”

DSC C – Dom natural:

“Acho esquisito pois o “normal” é que se tenha.”

DSC D – Escolha do casal:

“É uma escolha do casal, em especial a opinião da mulher, mas ambos têm que ser respeitados.”

Dentre as representações sociais apresentadas, como visto na Tabela 2, deve-se atentar para as categorias A e D, respectivamente: “Liberdade de escolha” e “Escolha do casal”. Onde a primeira foi compartilhada por 79,17% das mulheres

(n=38) e 95,83% homens (n= 46) e a segunda foi mencionada somente por um participante do gênero masculino.

Na categoria A: “Liberdade de escolha” é ilustrado o discurso onde os participantes acreditam que a mulher deve ter liberdade para tomar as suas decisões em relação à seu desejo/sua vida. Kehl (2008) [5], traz a discussão sobre essa liberdade feminina, como sendo algo que nem sempre foi apresentado as mulheres, pois desde antigamente, seu desejo foi podado em função dos homens e de sua virilidade e assim, tendo que desempenhar um papel recatado diante da sociedade.

Em contramão ao que foi apresentado pelo discurso compartilhado nesta categoria, Beauvoir (1949/2009) [21] afirma que a sociedade ainda pertence aos homens, mesmo que as mulheres tenham feito um movimento para se apropriar da elaboração do mundo, tendo em vista que a sociedade ainda é machista sobre os direitos das mulheres. Retomando o que já foi discutido anteriormente, é possível fazer um paralelo com outras duas categorias apresentadas no estudo a partir da pergunta 1, sendo elas a “Mudança de paradigma” (14,58%; n=7) e “Sociedade machista” (12,50%; n=6). Ambas as categorias se contrapõem, visto que enquanto uma defende as mudanças e conquistas sociais que as mulheres vêm conquistando, outra ainda fala sobre os obstáculos que a mulher enfrenta na sociedade atual enquanto mãe. Conforme afirmam Leal e Zanello (2022) [2] muitas mulheres que optam pela não maternidade “se considerarem diferentes do esperado, pela sociedade, para uma menina/mulher, na maneira de se comportar, brincar, pensar, agir e mesmo em relação a cumprir certo ideal estético” (p.80).

O DSC apresentado na categoria D: “Escolha do casal”, elucida que ambas as opiniões sobre maternidade devem ser consideradas. Este discurso apresentou-se apenas no grupo masculino e reflete que a decisão do homem deve ser considerada, em oposição aos discursos apresentados pelas mulheres. É observado como Freud (1905/2016) [22] explicou a diferença entre posições femininas e masculinas no âmbito psicológico, para elucidar a potência masculina sobre a sexualidade feminina desde a infância. Deste modo, a ideia

de repressão feminina é determinada desde sempre, mostrando que além de algo determinado pela sociedade, também é determinado pela biologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando os objetivos iniciais desta pesquisa, de investigar e descrever a representação social de homens e mulheres acerca de mulheres que optaram por não exercer a maternidade, além de discutir e comparar as semelhanças e divergências entre os discursos de homens e mulheres em relação a opção das mulheres pela “não maternidade”, o uso do Discurso do Sujeito Coletivo demonstrou atender satisfatoriamente ao que havia de objetivos.

Identificou-se que os discursos de homens e mulheres não se mostraram divergentes, apesar do que havia sido hipotetizado. Esperava-se que neste estudo as representações sociais de homens fossem em sua maioria, contrárias à ideia da mulher não-mãe, porém não foi o que ocorreu. Grande parte das categorias dos DSC se repetiram nos discursos femininos e masculinos, com exceção da categoria D da segunda pergunta da Questão-caso “Escolha do casal”, sendo compartilhado somente por um participante do gênero masculino. Apesar desta divergência, pôde-se identificar o grau de compartilhamento destas opiniões, além de estabelecer relações entre elas, favorecendo discussões mais integradas entre as representações sociais resgatadas acerca da temática.

Considerando os discursos colhidos nessa pesquisa, pode-se observar que a maternidade é uma escolha da mulher, tanto na visão masculina, quanto na própria visão feminina. Nessa amostragem, foi considerado o desejo feminino como aquele que deve guiar as vontades da mulher contemporânea, onde o trabalho, vida social, relacionamentos devem ser ponderados, além da vontade de ser mãe.

É importante salientar, sobre as limitações deste estudo, considerando as características amostrais e temporais, dentre elas a amostra restringida ao público com maior grau de escolaridade e acesso aos serviços de internet e redes sociais. A amostra foi feita de forma totalmente on-line, restringindo o

público de participantes, ainda que tenha proporcionado um maior alcance geográfico de participantes. Deduz-se a partir disso, que os dados coletados tiveram desdobramentos do contexto mundial, salientando a importância da reprodução desta pesquisa em maior escala, objetivando maior diversidade e assertividade.

Por fim, é importante ressaltar que, no presente trabalho, as autoras não tiveram como intuito a defesa pela não maternidade, mas sim, mostraram que são possíveis outros caminhos onde o desejo feminino pode ser trilhado de forma mais fluída e que não haja estigmas em relação àquelas que escolhem não optar pela maternidade.

REFERÊNCIAS

1. IBGE. Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?id=1&idnoticia=2125&view=noticia>. Acesso em: 24 mar. 2023.
2. Leal DF da S, Zanello V. “Não Tenho Filhos e Não Quero”: Questões Subjetivas Implicadas na Opção pela Não Maternidade. PSSA [Internet]. 2022; 14(3): 77-92. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/1949>. Acesso em: 24 mar. 2023.
3. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio De Janeiro (RJ): Nova Fronteira; 1985.
4. Vázquez G. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. Revista Trilhas da História. 2014; 3(6): 167-181. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472#:~:text=Este%20artigo%20tem%20por%20objetivo,varia%C3%A7%C3%B5es%20de%20tratamento%20da%20maternidade>. Acesso em: 24 mar. 2023.
5. Kehl MR. Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro (RJ): Imago; 2008.
6. Laplanche J. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo, SP: Martins Fontes; 2016.
7. Iaconelli V. Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna. São Paulo. 2013. [Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo].

8. Mansur LHB. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia: ciência e profissão*. 2003; 23(4), 2-11. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000400002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 24 mar. 2023.
9. Braga RC., de Assis Miranda LH., Veríssimo JDPC. Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*. 2018; 3(6), 523-540. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994> Acesso em: 24 mar. 2023.
10. Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). Rio de Janeiro, RJ: Imago. 2006.
11. Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Sexualidade Feminina (1931). Rio de Janeiro, RJ: Imago. 2006.
12. Cintra EMU, Ribeiro MFR. *Por que Klein?* São Paulo, SP: Zagodoni. 2018.
13. Cintra EMU, Figueiredo LC. *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo, SP: Escuta. 2010.
14. Lefevre F, Lefevre AMC. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo*. Brasília, DF: Líber Livro. 2010.
15. Lefèvre F, Lefèvre AMC. *Discurso do sujeito coletivo: nossos modos de pensar, nosso eu coletivo*. São Paulo, SP: Andreoli. 2017.
16. Medeiros D. *Tabagismo e futuros profissionais da saúde: uma análise das representações sociais no Brasil e na Espanha*. 2015. [Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo]
17. Artiga L de MS, Lefèvre F, Medeiros D. Representación social sobre alcohol y tabaco entre universitarios de Enfermería. *CES Psico [Internet]*. 2023; 16(1): 211-28. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/6424> Acesso em: 24 mar. 2023.
18. Patias ND, Buaes CS. Tem que ser uma escolha da mulher!: representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia*

& Sociedade [Internet]. 2012; 24(2): 300-306. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326586007> Acesso em: 24 mar. 2023.

19. Freud S. Obras completas, vol. 14: História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2010.

20. Ribeiro SM. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de Abril. 2000.

21. Beauvoir S. O segundo sexo. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. 2009.

22. Freud S. Obras completas, vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2016.